

# **REPRESENTAÇÕES DA RUA TREZE DE MAIO EM CAMPINAS/SP**

## ***Representations of Treze de Maio Street in Campinas/SP***

**Melissa Ramos da Silva Oliveira**

Professora da Universidade Anhembimorumbi

mrsoliveira@anhembimorumbi.edu.br

### **Resumo**

Esse artigo tem por objetivo analisar a Rua Treze de Maio em Campinas/SP a partir das representações do espaço coletadas a partir dos seus usuários na vida cotidiana. Utilizou-se como metodologia a aplicação de 266 questionários à moradores e usuários do centro de Campinas, pessoas de classe social, idade, profissão, renda, procedência e raças diferentes, com o intuito de observar os usos que a população faz do centro de Campinas, como ela se apropria dele, quais são os referenciais de centro identificados e os seus principais problemas presentes no plano vivido do cotidiano. Nesse sentido, a análise e a discussão dos dados identificaram três categorias que nortearam a leitura da Rua Treze de Maio: um importante referencial da história e da memória campineira, como um centro de consumo popular e ícone da centralidade.

### **Palavras Chave**

Rua Treze de Maio, Campinas, Representação do Espaço.

### **Abstract**

*The purpose of this article was to analyze the Treze de Maio Street in Campinas/SP and to focus the representations of space collected by its users in everyday life. The methodology involved the application of 266 questionnaires to residents and users of Campinas downtown, people from different social class, age, occupation, income, origin and races, in order to observe the uses that the population produces in Campinas downtown, what are the reference center identified and their main problems present in the background of everyday living. The analysis and discussion of the data collected identified three categories that guided reading Treze de Maio Street as an important benchmark in the history and memory of Campinas, as a center for popular consumption and centrality icon.*

### **Keywords**

*Treze de Maio Street, Campinas, representations of space*

## **Introdução**

O plano da vida cotidiana é o plano do lugar, espaço da constituição da identidade criada na relação entre usos. É o uso que dá sentido à vida, pois é por meio dele que o cidadão se relaciona com o lugar e tece uma rede de relações que lhe confere sentido. Como destaca Leite (2004), os usos qualificam e atribuem sentido de pertencimento ao lugar, orientando ações sociais e sendo por estas delimitadas reflexivamente. No entanto, o uso não ocorre sem conflitos, na medida em que são contraditórios os interesses do capital, do Estado e da sociedade como um todo.

Lefebvre (1991, p. 55) ratifica que, para decifrar a cidade não basta entender o texto urbano (as instituições e as ideologias), sem recorrer ao seu contexto, ou seja, a vida cotidiana e suas relações imediatas. A análise das relações sociais e sua materialização espacial, com suas rupturas e permanências, permite entender o espaço como um produto histórico social. Para Lefebvre (1974), o espaço urbano, enquanto condição, meio e produto da ação humana, expressa duas dimensões: uma materialização das práticas espaciais, que se acumulam ao longo de uma série de gerações a partir da relação da sociedade com a natureza e um espaço para a realização da vida humana.

O cotidiano reordena os usos, a partir das diferentes apropriações dos lugares pelas práticas sociais e pelas políticas de uso do espaço. Santos (2002) destaca que o cotidiano ocorre por meio de três ordens: a da forma técnica, a da forma jurídica e a ordem do simbólico.

Para Santos (2002), o agir técnico leva a interações formalmente requeridas pela técnica. O agir formal supõe a obediência aos formalismos jurídicos, econômicos e científicos. E existe um agir simbólico, que não é regulado por cálculo e compreende formas afetivas, emotivas, rituais, determinadas pelos modelos de significação e de representação.

Se, por um lado, a ordem técnica e a ordem da norma impõem-se como dados, por outro lado, a força da transformação e mudança, a surpresa e a recusa ao passado, vêm do agir simbólico, onde o que é força está na afetividade, nos modelos de significação e representação (SANTOS, 2002, p. 82).

O desenrolar da vida cotidiana de nossas cidades não correspondem a um roteiro pré-estabelecido. Apesar da imposição das normas e da regulação do Estado

para controlar, organizar e planejar o espaço, são os usuários do espaço no seu cotidiano que transformam e reordenam o espaço, se apropriam e estabelecem novas relações e valores, instaurando uma nova lógica interna ao lugar. Em perspectiva semelhante, Arantes (2000, p. 106) aponta:

Os habitantes da cidade deslocam-se e situam-se no espaço urbano. Nesse espaço comum, que é cotidianamente trilhado, vão sendo construídas coletivamente as fronteiras simbólicas que separam, aproximam, nivelam, hierarquizam ou, numa palavra, ordenam as categorias e os grupos sociais em suas mútuas relações.

Essas duas afirmações enunciam que o uso do espaço delinea fronteiras simbólicas diferenciadas no cotidiano e atribuem significações distintas que constituem uma identidade habitante-lugar geralmente não contemplada nos projetos urbanos. Para Lefebvre (1991), o sistema de significações separa o urbano de sua base morfológica, da prática social, ao reduzi-lo a uma relação "significante-significado" e ao fazer extrapolações a partir das significações realmente percebidas, o que evidencia que é possível o entendimento da cidade como uma realidade concreta e abstrata. Em um sentido semelhante, Leite (2004) sugere que se entenda o lugar como uma demarcação física e simbólica no espaço, cujos usos o qualificam e lhe atribuem sentidos diferenciados, orientando ações sociais e sendo por estas delimitado reflexivamente.

Com base nessas considerações, o objetivo geral desse artigo é apresentar o entendimento da Rua Treze de Maio a partir das experiências de usos e apropriação do espaço cotidiano pelos seus usuários. Para o conhecimento das práticas cotidianas do espaço vivido, se levou em consideração não apenas a cidade como uma coisa em si, mas o modo como seus habitantes e usuários a percebem e a utilizam, atribuindo sentido a ela. Essa representação do espaço foi coletada em questionários aplicados aos usuários e moradores do centro de Campinas, que contemplavam respostas dissertativas, além de desenhos que demonstram uma lógica perceptiva e cognitiva capaz de produzir uma informação sobre a cidade.

### **Campinas e a Rua Treze de Maio**

Campinas nasceu de um pouso à beira do Caminho dos Guaiases, rota secundária e tardia do ciclo de mineração, aberta em 1722 pelos paulistas (BADARÓ, 1996; SANTOS, 2002; VALDERRAMA, 2002). Até o final do século XIX, Campinas foi a

maior produtora de café do Estado de São Paulo e uma das principais bases do processo de expansão cafeeira no território paulista.

A chegada da estrada de ferro em Campinas, em 1872, acarretou inúmeras transformações na vida urbana, na medida em que o trem era o grande vetor da modernidade. Era o trem que fazia a conexão com o porto e, conseqüentemente, com a Europa, trazendo ideias, informações, inovações tecnológicas, artísticas e culturais que influenciaram diretamente o comportamento da população local.

Badaró (1996) e Santos (2002) destacam que, na Rua São José (atual Rua Treze de Maio), estabeleceu-se o comércio varejista, com pequenas lojas de tecidos e armarinhos. No largo da estação ferroviária e nas primeiras quadras das ruas adjacentes, instalou-se o comércio atacadista de secos e molhados e importantes hotéis. Posteriormente, abriram-se a Avenida Andrade Neves e o Boulevard Itapura, paralelo à Estação da Mogiana, cujas larguras contrastavam com as ruas estreitas da época. Ademais, a implantação da ferrovia promoveu a valorização dos terrenos da área central, via melhoramentos urbanos e diversificação de atividades. Com isso, a população menos abastada, a indústria e o operariado nascente foram compelidos a ocupar as porções territoriais além da ferrovia, em especial, depois do leito férreo da Companhia Paulista.

Prestes Maia propôs um projeto de embelezamento urbano para o centro de Campinas, em 1937, para modernizar e higienizar a cidade, estruturando algumas intervenções visíveis até hoje, tais como as Avenidas Francisco Glicério e Campos Salles. Uma questão importante é que após o Plano de Melhoramentos, a dinâmica do centro mudou. As ruas Treze de Maio e Costa Aguiar deixaram de ser os eixos principais de circulação de veículos, tornando-se apenas vias coletoras, enquanto as vias Campos Salles e Francisco Glicério tornaram-se os principais eixos de circulação da área central.

Nesse momento, o centro passa pelo processo que Carpinteiro (1996) denominou momento de ruptura. A morfologia urbana homogênea, marcada por casas térreas e assobradadas, nas quais se destacavam somente as torres das igrejas ou da Estação Fepasa, foi substituída por uma paisagem escalonada de edifícios quando o centro se verticalizou.

Devido ao crescimento populacional, a expansão de Campinas e de sua malha urbanizada em direção à zona sul e sudoeste ocorreu a partir da década de 1960. A consolidação de bairros de maior poder aquisitivo, como Cambuí, Taquaral e Guanabara, por exemplo, criou subcentros especializados e menos multifuncionais

dentro de cada um desses bairros, que transformaram a centralidade de Campinas na medida em que a cidade deixou de ter um centro único e monopolizador. Nesse processo, o centro sofreu algumas dinâmicas comuns a outras áreas centrais - um contínuo esvaziamento populacional, mudança no perfil socioeconômico dos moradores e usuários, degradação do patrimônio cultural e dos espaços públicos, o que contribuiu para o que alguns autores denominaram degradação.

Apesar do processo de declínio e empobrecimento, o centro, de um modo geral, mantém um dinamismo do ponto de vista econômico, face à quantidade de empregos gerados na área central. Com o intuito de devolver ao centro o papel hegemônico perdido e de atribuir novas funções que o dinamizem e o conectem ao mercado de consumo global, foram propostas diversas intervenções urbanas que fomentaram ações e projetos diferenciados, alguns em parceria com a iniciativa privada.

Desde a década de 1970, a cidade de Campinas sofreu transformações urbanas com investimentos em atividades voltadas para o consumo e atividades relacionadas ao ócio e à cultura, com intervenções que valorizaram a preservação do patrimônio cultural e incentivaram a sua "patrimonialização" (JEUDY, 2005), tais como a construção do calçadão, o Projeto de Revitalização da Rua Treze de Maio, projetado por Ruy Ohtake, o Plano de Requalificação Urbana da Área Central de Campinas, proposto pelo ex-prefeito Antônio da Costa Santos e o Projeto Centro elaborado pela ex-prefeita Izalene Tiene. A intenção desses projetos foi revalorizar o centro com o objetivo de otimizar o seu potencial de consumo e conservar a sua vocação comercial. Essa revalorização previa a preservação formal dos edifícios históricos para compor um grande cenário urbano, que, com suas formas embelezadas, mais segurança, comodidade e atrativos, se tornaria um local mais atraente para o público consumidor de maior poder aquisitivo. E, dessa maneira, o centro poderia concorrer com os shoppings centers e as novas centralidades de bairro no consumo de mercadorias e de lazer.

Na década de 1980, foram implantados alguns empreendimentos que merecem destaque em Campinas, como o centro empresarial e o shopping Galleria, o hipermercado Leroy Merlin e o magazine Decatlon na rodovia D. Pedro, marcando essa área como um novo eixo de expansão e consumo, além do loteamento Alphaville na rodovia Campinas-Mogi Mirim, todos situados na região norte. Esse eixo se tornou um centro de atividades comerciais de Campinas e de sua região metropolitana por

sua fácil localização. Na região sul, houve a implantação da Universidade Paulista - Unip e do Hipermercado Extra, ambos na Avenida Abolição.

## **1. Metodologia**

Uma cidade não se constitui somente de sua parte material, ou seja, suas ruas, construções, monumentos, rios, montanhas e outras materialidades presentes no espaço. Os indivíduos que nela habitam são elementos constituintes que determinam em grande medida as características da cidade, pois atuam tanto na produção do espaço quanto na sua representação. A representação de uma cidade se constrói tanto da subjetividade quanto da objetividade estabelecida pelos homens.

Descrivê-la não é tarefa fácil, visto existir infinitas coisas que podem ser observadas, ouvidas ou tocadas. São tantas as representações e sensações possíveis, que é complicado entender quais são as atribuições de sentido nessa imensa arena de concreto em que estamos inseridos, pois não se lê uma cidade somente pela sua materialidade. A compreensão do material somente ocorre com a atribuição de sentido, que, por si só, corresponde a uma imaterialidade, um processo subjetivo.

Para desvendar o centro de Campinas, buscou-se cruzar o "olhar de perto e de dentro" (MAGNANI, 2002) com "o olhar de longe e de fora", com o intuito de observar os usos que a população faz do centro de Campinas, como ela se apropria dele, quais são os referenciais de centro identificados e os seus principais problemas presentes no plano vivido do cotidiano.

Optou-se por utilizar imagens como uma ferramenta de avaliação e interpretação da representação do espaço, com o intuito de coletar dados subjacentes sobre dimensões do espaço que frequentemente ficam fora do alcance de outros métodos de pesquisa. O uso de imagens como forma de expressão possibilitou um outro jeito de olhar que não ficou somente na narrativa. O intuito não foi ilustrar o que já se conhecia, mas sim ver a cidade a partir dos desenhos e utilizá-las como um convite à discussão. Foram os desenhos que abriram as possibilidades para discussão e trouxeram indicativos das categorias. Concordando com Gomes (2011), "as imagens são formidáveis veículos de comunicação e de conhecimento", pois podem nos conduzir a "compreender coisas novas, isto é, podemos aprender com elas".

Os desenhos evidenciam marcos visuais subjetivos e objetivos, símbolos compartilhados pelos usuários da área, que "nos remetem às relações entre sensibilidade e racionalidade" (NIEMEYER, 1994, p. 21). Para Arantes (2000, p. 122), as representações realizadas por seus usuários não são indiferentes aos marcos e

monumentos da paisagem oficial. "Ao contrário, elas articulam experiências sociais a um espaço, dando-lhes um contexto e significações particulares".

Nesta pesquisa, os desenhos contribuem para evidenciar a organização social e simbólica da Rua Treze de Maio, relatam a forma como o espaço foi sendo organizado, as edificações que existiram e foram demolidas no tempo, as funções que se transformaram, as centralidades que se deslocaram, os símbolos e os significados consagrados por cada momento histórico, político e social, os marcos simbólicos e visuais traçados no cotidiano.

Kozel (2005) afirma que as chaves da interpretação somente podem ser explicitadas por meio do recorte sociocultural e ideológico que perpassa as representações elaboradas pelos seres humanos quando representam o espaço geográfico.

Incorporar essas reflexões ao espaço torna-se imprescindível, pois vivemos num mundo onde imagens e linguagens adquirem cada vez mais importância, portanto o desafio é decodificar essas leituras visando a compreensão dos processos de construções sócio-culturais e conseqüentemente apontar novas diretrizes para se desvendar a organização espacial (KOZEL, 2005, p. 7295).

A análise e a discussão se deram com base numa pesquisa realizada com moradores e usuários do centro de Campinas, ao longo do ano de 2011. Utilizou-se como metodologia a aplicação de 266 questionários. A pesquisa teve como universo pessoas de classe social, idade, profissão, renda, procedência e raças, escolhidas aleatoriamente dentro do centro da cidade. As pessoas foram abordadas nas ruas, praças, lojas e prédios e eram convidadas para responder o questionário.

O entrevistado respondeu de próprio punho perguntas abertas e semiestruturadas, com liberdade para escrever o que e a quantidade que desejasse, sem medição de tempo. As perguntas almejavam identificar o que os usuários mais admiravam no centro, o que eles gostavam e se perdeu ao longo dos anos, os lugares mais frequentados, os principais problemas da área, o patrimônio cultural presente no local e que tipo de centro que eles sonham em ter. Ele também tinha um espaço para desenhar o que era o centro de Campinas a partir da sua visão. O tempo de execução não foi cronometrado e também não foi colocada nenhuma restrição quanto à sua elaboração.

No que concerne às perguntas abertas do questionário, as respostas referentes a uma mesma pergunta foram lidas e agrupadas por temáticas semelhantes. É importante ressaltar que não se tinha uma resposta pronta quando se

aplicaram os questionários. A intenção não foi selecionar as categorias e, a partir daí, olhar o espaço. O objetivo foi discutir, interpretar e analisar o espaço a partir das respostas obtidas nas questões e do conteúdo dos desenhos. Quanto aos desenhos, depois de uma análise preliminar, identificaram-se os conteúdos presentes em cada um deles. Esses conteúdos foram listados e classificados em categorias. Os desenhos mais representativos tiveram as imagens escaneadas e tratadas no programa Photoshop 7.0 e serviram de subsídios para as análises e discussões realizadas no texto.

Vale ressaltar, que diante de tantas variáveis envolvidas, os resultados foram agrupados por temáticas semelhantes e, dessa maneira, considerados categorias, de modo a permitir um melhor entendimento dos aspectos que compõem as representações dos diferentes tipos de entrevistados. Assim, as categorias não foram delimitadas anteriormente à pesquisa. Foram as análises e interpretações das respostas dos questionários (perguntas e desenhos) que abriram as possibilidades para discussão e trouxeram indicativos das categorias.

Dos 266 entrevistados, 52,3% são mulheres e 47,7% homens. Com relação às idades, 9,4% possuem até 20 anos; 34,6% mais de 20 até 30 anos, 28,2% acima de 30 até 40 anos; 17,3% mais de 40 até 50 anos; 5,3% acima de 50 até 60 anos; 3,4% possuem mais de 60 anos e 1,8% não responderam. Quanto à renda, 8,3% declararam não possuir, 8,9% recebem até um salário mínimo; 33,2% recebem mais de 1 até 3 salários; 26,6% acima de 3 até 5 salários; 14,6% mais de 5 até 10 salários e 5,4% recebem mais do que 10 salários mínimos. Três por cento dos entrevistados não responderam a questão. No que se refere às profissões<sup>1</sup>, os estudantes representam 16,2%; 30,1% trabalham no comércio; 36,4% na prestação de serviços, 5,6% na indústria, 7,9% são aposentados ou donas de casa e 3,8% estão desempregados.

## 2. Análise de Dados e Resultados

---

<sup>1</sup> Dentre as profissões que responderam o questionário, citam-se: na indústria - mecânico de usinagem, operador de máquina, gerente de departamento de pessoal, auxiliar administrativo e assistente fiscal; no comércio - vendedor, caixa, controlador de estoque, fiscal, gerente de loja, recepcionista; no setor de prestação de serviços - mecânico de carro, babá, pedreiro, faxineira, professor, arquiteto, publicitário, educador físico, designer, artesão, operador de telemarketing, auxiliar de escritório, contador, recepcionista, empregada doméstica, massagista, terapeuta ocupacional, porteiro, zelador, segurança, estilista, educador social e monitor escolar.



A pesquisa evidenciou que a Rua Treze de Maio constitui-se em um importante eixo comercial, voltado para pedestres, por onde passam diariamente um alto fluxo de pessoas, mercadorias e informações no período diurno. Além de ser um importante local de consumo, também oferece atrativos culturais e praças, bares, lanchonetes, lazer e conveniências. Por isso, sofre uma ocupação coletiva e heterogênea, estimulada por um aglomerado de pessoas as quais determinam fluxos dinâmicos que a cruzam a todo o momento.

Levando-se em conta essa diversificação, foram analisados e discutidos os resultados da pesquisa realizada, no sentido de caracterizar a Rua Treze de Maio a partir das representações dos diferentes tipos de frequentadores. As apreciações foram feitas a partir de três categorias -consumo, centralidade e memória, delimitadas a partir das respostas dos questionários respondidos pelos entrevistados.

### **3.1 Centro de Consumo**

O consumo foi o item mais ressaltado pelos entrevistados. Nas questões "Ao se falar sobre o centro de Campinas qual a primeira coisa que te vem à cabeça?" 129 respostas apontaram o consumo, "O que você mais gosta no centro?", 149 destacaram o consumo e "Quais os espaços/lugares do centro que você mais utiliza?" teve 230 respostas relacionadas ao consumo. Assim, o consumo foi o item mais lembrado pelos entrevistados. Isso evidencia uma primeira característica não só da Rua Treze Maio, mas do centro de Campinas como um todo: o consumo é sobejamente o que mais a população, de todas as idades, procura e valoriza nessa área.

As respostas dos questionários reafirmaram a Treze de Maio como um forte centro comercial, além de um importante referencial histórico da cidade de Campinas, o que a caracteriza tanto no que LEFEBVRE (1976) denomina de "centro de consumo" quanto um "centro simbólico".

De acordo com dados divulgados pela Associação Comercial e Industrial de Campinas – ACIC, a Rua Treze de Maio possui 110 estabelecimentos comerciais, que respondem por 10% de todo o faturamento do comércio da cidade, o que equivale à movimentação de 35% da atividade comercial de Campinas.

A Rua Treze de Maio apresenta um comércio popular diversificado. Próximo à Estação localizam-se lojas de peças e hotéis e próximo à Catedral predominam as lojas de roupas, sapatos, acessórios, artefatos de casa, cama, mesa e banho. Por ela também se acessa o Centro Popular de Compras, localizado perpendicularmente à essa via.

Fernanda (14 anos, estudante) relatou que “compras não tem como não pensar na 13 de Maio”. Os desenhos também evidenciaram esses fatos. Na Figura 1 a imagem de Rita supõe tratar-se do quarteirão em que situa a Catedral Metropolitana de Campinas, delimitado pela Rua Treze de Maio e Avenida Glicério. A Treze, representada por uma multidão de pessoas e uma sequência de lojas do lado direito, destaca a importância desse calçadão como um lugar de consumo. A faixa de pedestres que promove o cruzamento da Avenida Francisco Glicério, apenas para pedestres, no ponto inicial da Treze de Maio, também é exposta no desenho. A imagem de Juliana simboliza um acúmulo de pessoas circulando pelo calçadão, cercadas por lojas de ambos os lados e com a indicação dos nomes de algumas lojas populares e tradicionais da região: Casas Bahia, Lojas Renner, C&A, Riachuelo, Torra Torra, Principal, Bob's, Vale a Pena.

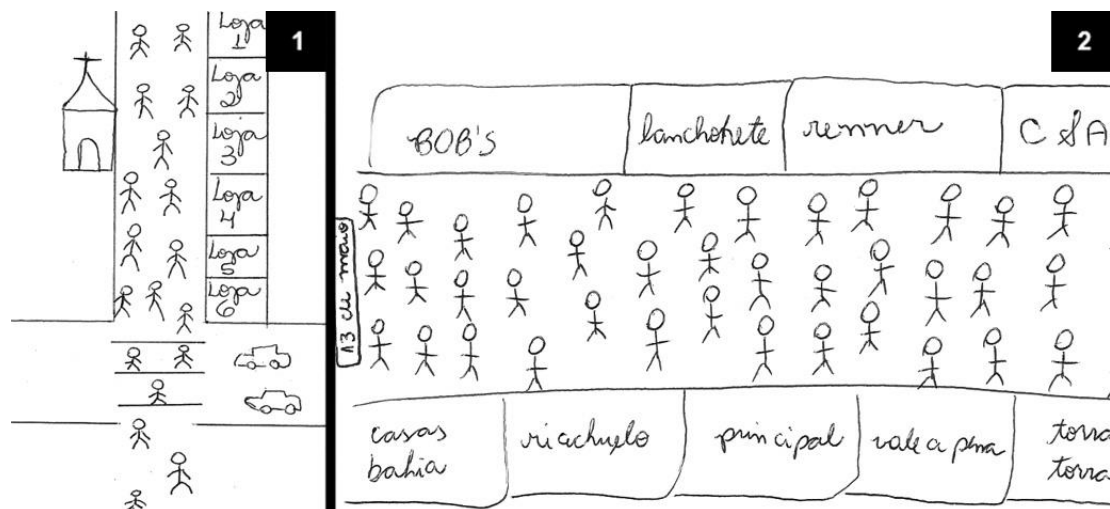


Figura 1 – Imagens que espelham a Treze de Maio como uma região do centro de forte comércio e de grande concentração de pessoas. 1. Rita, 34 anos, + 10 salários, atendente; 2. Juliana, 32 anos, 3-5 salários, professora.

Fonte: Dados coletados em trabalho de campo.

O imenso contingente de pessoas que para ela se dirige diariamente e a circulação intensa são outras características marcantes da Rua Treze de Maio. A análise evidenciou a rua como espaço de apropriação coletiva, em referência ao calçadão como um espaço do pedestre e um local de encontro, demonstrando que os usuários identificam e se apropriam do mesmo nas mais variadas formas, o que caracteriza o consumo do espaço. Lá as pessoas compram, caminham, se reúnem, se divertem; encontram uma variedade enorme de produtos, imagens e serviços, além de utilizar o local para manifestações políticas, culturais e religiosas. Deve-se citar

que, nas respostas do questionário, um entrevistado se referiu à figura emblemática do politizador, um cidadão que vagueia pelas ruas do centro de Campinas e, com o uso de um megafone, faz críticas sobre política ou problemas urbanos e sociais.

A Figura 2 registra imagens que simbolizam a grande massa humana que transita pela rua cotidianamente e a grande movimentação de veículos nas ruas de seu entorno, como, por exemplo, na Rua José Paulino.

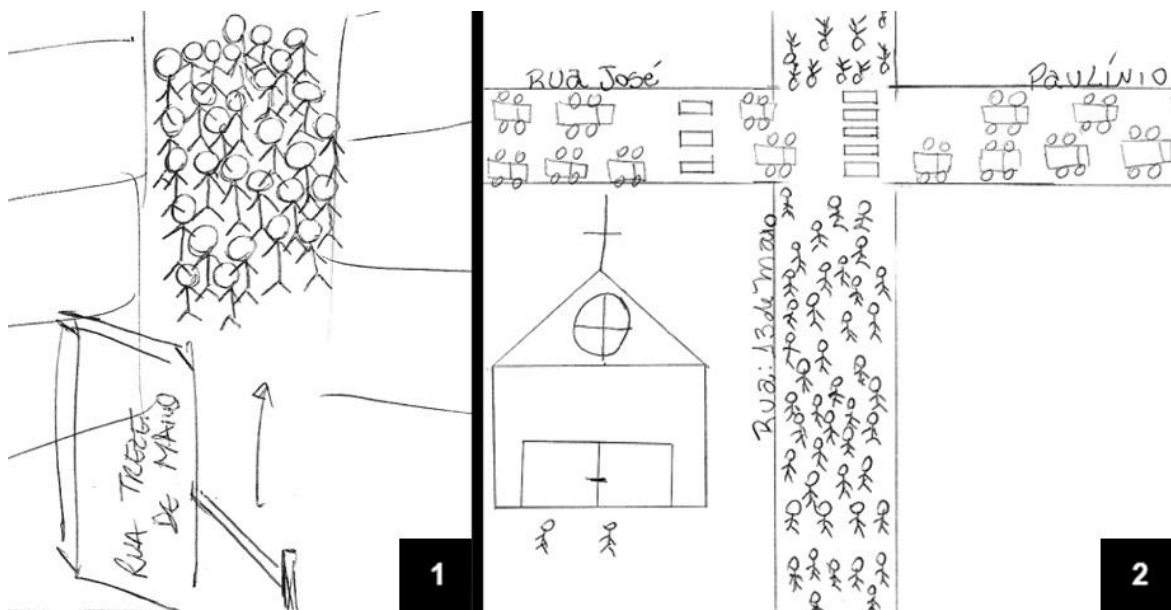


Figura 2 - Igreja, lojas tradicionais e multidão na Rua Treze de Maio; grande movimentação de carros na Rua José Paulino. 1. Aline, 20 anos, 3-5 salários, estudante; 2. Suelen, 25 anos, 5-10 salários, técnica contábil.

Fonte: Dados coletados em trabalho de campo.

Conforme Guglielminetti (2007), uma média de 80 mil pessoas circulam pela via diariamente. Todavia, de acordo com a ACIC, esse público pode chegar a 150 mil em datas comemorativas, incluindo o Natal, Dia das Mães e Dia das Crianças.

Alguns entrevistados também registraram, nas inquisições, comentários acerca desse fato:

A multidão de pessoas que quase não se consegue andar, sem contar as lojas que também tem que enfrentar filas nos caixas (Erik ,17 anos, 1-3 salários, vendedor);

Tem que enfrentar fila, passar no meio do povão (Luciana ,18 anos, 1-3 salários, estudante);

A rua sempre está cheia de pessoas indo e vindo, cada qual com uma finalidade (José Carolino, 58 anos, 1-3 salários, porteiro);

Saudade do tempo que se caminhava com toda tranquilidade (João, 68 anos, mais de 10 salários, aposentado);

De um modo geral, quando se indagou sobre os principais problemas do centro, diversas pessoas os associaram à ideia de "muvuca", o que indica certa aversão ao aglomerado de pessoas. Multidão significa a expressão do coletivo. Segundo Ferrara (2000, p. 82):

Na multidão, o espaço é dominado por sensações, sentimentos e comportamentos que pertencem ao conjunto, ao padrão coletivo. Assim sendo, ainda não temos uma oposição entre o privado e o público, simplesmente porque coletivo e público não se confundem e, sobretudo, porque o indivíduo não colide com o coletivo, mas nele se dilui e dispersa, sentindo-se na própria casa, como se a rua fosse o lugar capaz de reunir, sem tensões, o geral e o particular.

Solà-Morales (2005, p. 104) aponta que o "rótulo de público, que acompanha os espaços, não comporta imediatamente o desejável atributo de apropriação coletiva". Os espaços coletivos são todos os lugares onde a prática cotidiana se desenvolve, representa e recorda. Lefebvre (2004, p. 29) faz uma síntese desse atributo das relações dos indivíduos com a rua nas cidades modernas, ao associá-la a um "teatro espontâneo, no qual eu me torno espetáculo e espectador, às vezes menor".

O fechamento da Treze para a circulação de veículos contribui para que a rua, além de um eixo comercial e de circulação de pessoas, também se torne um espaço público de apropriação coletiva. Como a relação dos seres humanos com o espaço é mediada simbolicamente (LEFEBVRE, 2004, p. 49), há como denominar as ruas das cidades de lugares públicos, pois são socialmente significados como virtualmente de "todos".

É comum andar pela Treze e encontrar diversos tipos de manifestações informais: de uma simples pessoa com uma sanfona ou violão a grupos musicais, fiéis pregando, homem-estátua e suas performances em um dia de trabalho, homem-placa fazendo propaganda de lojas, crianças brincando e correndo em meio a grande quantidade de pessoas. É válido ressaltar que todas essas manifestações não se excluem. Convivem no mesmo espaço e atribuem o caráter plural e heterogêneo que caracteriza a Treze e Maio.

A Figura 3 espelha essa situação. Além da grande quantidade de pessoas e lojas da Treze, a imagem de Idilene retrata o espaço ao seu redor, com trânsito intenso, diversos edifícios – numa alusão à verticalidade – além das barracas do camelódromo. A imagem de Júlio mostra a Rua Treze de Maio a partir da escala do pedestre. Em sua imagem, são representadas diversas pessoas, os postes e a fiação elétrica e uma lixeira. Ao fundo, aparece um veículo que elimina fumaça, remetendo à questão da poluição atmosférica. Na parte superior, há uma frase que diz “grande tráfego de pessoas e automóveis” (Júlio, 17 anos, 3-5 salários, auxiliar de escritório).

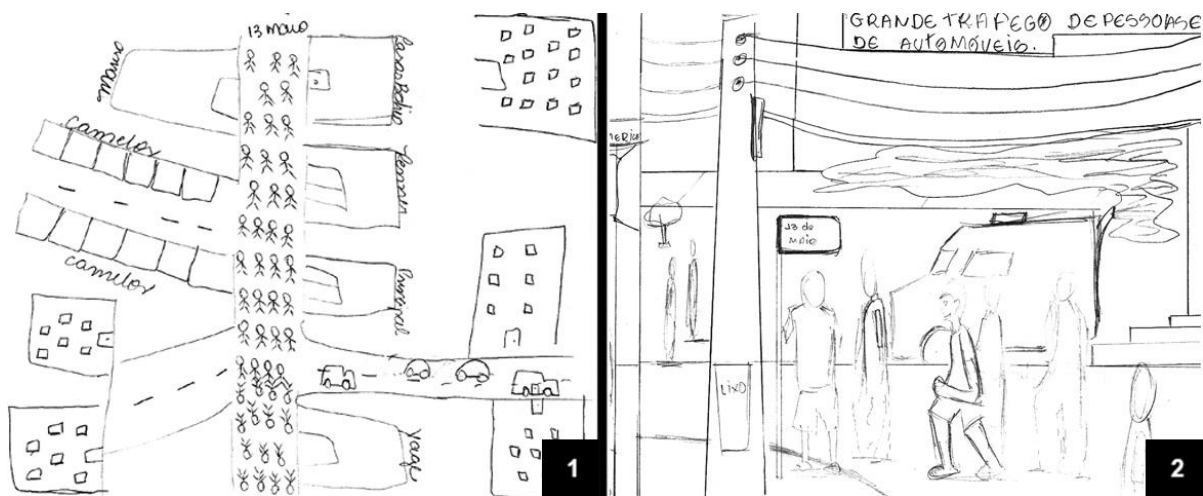


Figura 3 – Treze de Maio e entorno, região de grandes contrastes: multidão, camelôs, lojas tradicionais, pessoas, carros, poluição atmosférica e visual. 1. Idilene, 25 anos, 1-3 salários, auxiliar administrativo; 2.

Julio, 17 anos, 3-5 salários, auxiliar de escritório.

Fonte: Dados coletados em trabalho de campo.

O entorno da Treze de Maio também oferece uma quantidade considerável de oportunidades e por isso atrai multidões que buscam acesso a elas. Isso causa uma série de transtornos como, por exemplo, desorganização, congestionamentos, poluição, sujeira, presença de ambulantes, mendigos e diversos outros problemas urbanos e sociais. De qualquer modo, “centro de consumo” é a principal característica da rua Treze de Maio, apesar das diversas manifestações, eventos e atividades que ocorrem nesse espaço.

### 3.2 Ícone da Centralidade

A questão da centralidade urbana não é das mais fáceis, pois ela atravessa toda a problemática do espaço. Para Lefebvre (1974, p. 387), cada época, cada modo de produção, cada sociedade particular produziu sua centralidade: centro religioso,

político, comercial, cultural, industrial, entre outros, que se caracteriza por um agrupamento e reencontro do que coexiste dentro de um espaço. O autor destaca ainda que a centralidade, mental e social, é uma forma que chama um conteúdo: “objetos, seres humanos, coisas, produtos, obras, signos e símbolos, pessoas, atos, situações, produção de práticas”.

Nesse sentido, a centralidade representa uma síntese, na qual se encontram e se refundem os elementos urbanos próprios de uma sociedade, representando a dimensão política, cívica e econômica.

A centralidade sempre foi um atributo primordial do centro das cidades. Porém, a partir da década de 1980, outras centralidades surgiram fora dos centros como resultado de fortes operações imobiliárias e urbanísticas ou de projetos de refuncionalização urbana. Como destaca Tourinho (2006, p. 279), assiste-se, ultimamente, “a uma indefinição sobre as características que identificam o centro e a centralidade, uma vez que, nas últimas décadas, a centralidade deixou de ser um atributo exclusivo do centro”.

O desenvolvimento de uma área central se relaciona ao atendimento das demandas espaciais do capital, mediante proficuidades comparativas que tal espaço consegue na competição capitalista. O processo de centralização opera seduzindo atividades e fluxos para o interior do mesmo, que constitui o foco da cidade, visto que nela se reúnem as principais atividades econômicas, de serviços, administrativos e os terminais de transporte inter-regionais e intraurbanos. Assim sendo, a área central como decorrente forma espacial do processo de centralização, surge como produto do capitalismo (CORRÊA, 1993).

As pessoas, alavancadas por condições específicas do sistema capitalista, têm se mostrado atraídas a frequentar certos espaços com o propósito de consumir. Com isso, as transformações das metrópoles “geram novas centralidades que redefinem o fluxo e a divisão espacial do trabalho, visto porque, os momentos de produção geram centralidades diferenciadas em função do comércio, dos serviços e do lazer” (CARLOS, 2002, p. 71). É bem conhecido o duplo caráter da centralidade capitalista: lugar de consumo e consumo do lugar.

O conceito de centralidade foi definido por Souza (2003) como a quantidade de bens e serviços que uma área oferta, o que faz com que ela atraia compradores e usuários de outras áreas. Conforme Spósito (1996, p. 120), a centralidade “diz respeito aos fluxos, fluidez, ou seja, é a expressão da dinâmica da definição/redefinição das áreas centrais e dos fluxos no interior da cidade” em

conformidade com a realidade da Rua Treze de Maio, um espaço densamente ocupado, tanto econômica quanto comercialmente, além de ser um importante ponto de passagem, compras e lazer de milhares de pessoas cotidianamente.

Nas repostas dos questionários, os entrevistados fizeram referências à centralidade. Citam-se duas delas:

É um local de suma importância para a cidade, pois é nele que se concentra a maioria dos estabelecimentos comerciais (Aline L., 20 anos, estudante);

O centro de Campinas é o lugar mais importante da cidade, pois é o local de nascimento das ruas, avenidas e prédios históricos mais importantes (Valeska, 25 anos, secretária);

A Rua Treze de Maio teve algum destaque nos desenhos elaborados pelos participantes da pesquisa que reconheceram a área central de Campinas pela sua diversidade, centralidade e dinamismo.

A diversidade é uma característica de suma importância no centro. Tourinho (2006, p. 280) apregoa que o centro é o espaço da diversidade em vários sentidos, “não só por envolver lugares onde diversos setores da sociedade (econômicos, políticos e sociais) atuam, mas também onde diversos agentes sociais interagem (no sentido da diversidade social e racial dos usuários e moradores)”.

Verificou-se, nos desenhos, que a área que a população identifica como centro da cidade corresponde ao local de maior consumo popular – Rua Treze de Maio (calçadão) e seu entorno, situado entre as avenidas Francisco Glicério e Senador Saraiva, na qual se inclui o camelódromo.

A delimitação simbólica dessa área revela que existe uma forma de apropriação do centro, resultado de uma multiplicidade de relações entre seus equipamentos, edificações e vias de acesso. Magnani (2002, p. 17) denomina essa área de manchas, “áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando – uma atividade ou prática predominante”. O autor ainda destaca que as manchas constituem pontos de referência físico, visível e público para um número amplo de usuários. No que segue, apresentam-se alguns desenhos que expõem o entendimento de algumas pessoas acerca das manchas que definem a centralidade principal de Campinas.

A Figura 4 mostra o entorno da Rua Treze de Maio, tendo a Avenida Glicério como principal artéria de deslocamento urbano. A imagem de José Carolino remete o

espaço central à racionalidade de um traçado em grelha. O mesmo acontece com a de Katia no que concerne à racionalidade e organização, as quais se apresentam com traçados de vias retilíneas e paralelas. Ela ainda destaca o antigo Fórum, muito procurado pela população por abrigar o Juizado de Pequenas Causas, e o Largo do Rosário, em cuja vizinhança se concentram inúmeras lojas e bares.

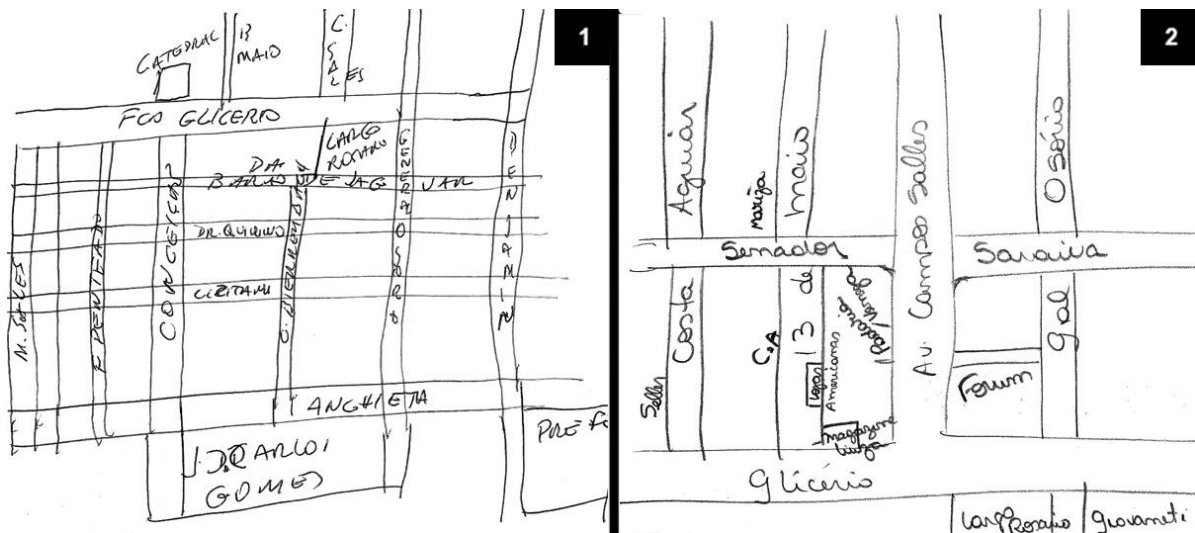


Figura 4 - Entorno da Avenida Glicério: uma representação que remete à racionalidade de um traçado em grelha (à esquerda); racionalidade e organização das vias que cortam as vias paralelas (à direita). 1.

José Carolino, 58 anos, 1- 3 salários, porteiro; 2. Katia, 37 anos, 1-3 salários, auxiliar financeiro.

Fonte: Dados coletados em trabalho de campo.



Figura 5 - Diversidade de uso da região que circunda a Francisco Glicério marcada por uma intensa movimentação veículos. 1. Natália, 19 anos, 3-5 salários, recepcionista; 2. Márcia, 53 anos, 3 - 5 salários, professor.

Fonte: Dados coletados em trabalho de campo.



Nos dois desenhos da Figura 5, novamente a Avenida Francisco Glicério é destacada como um dos principais espaços geradores de um processo de centralização no centro de Campinas. O desenho de Natália expõe ainda a diversidade de uso da região indicada nas palavras "livraria" e "lanchonete", escritas nas fachadas dos edifícios. A representação tortuosa das ruas passa a sensação de labirinto, a mesma que se sente com relação a cidade, essa grande arena de concreto, em vista da excessiva quantidade de informações e formas. Na imagem de Márcia, aparecem carros e ônibus, o que ressalta a intensa circulação de veículos nessas vias.

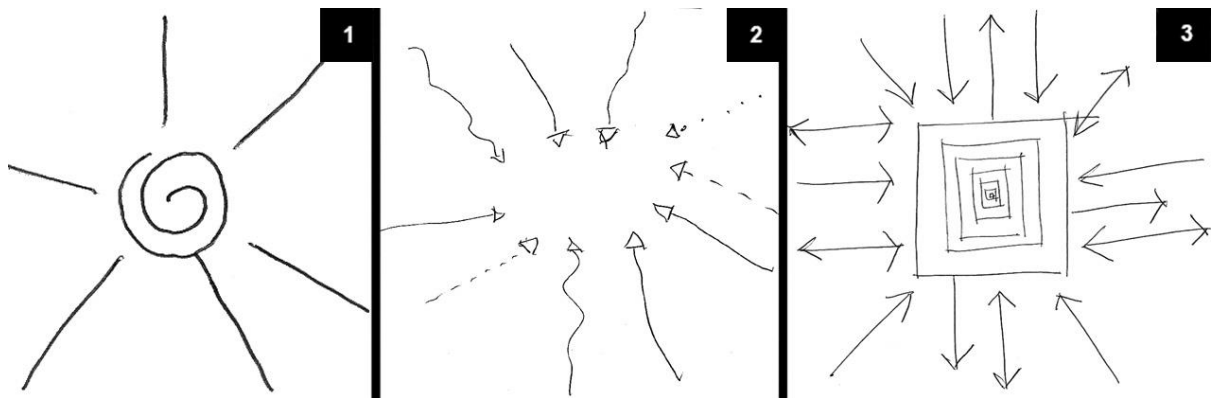


Figura 6 - Desenhos referentes à centralidade a partir de espirais, retângulos e linhas convergente. 1. Flávio, 30 anos, 3-5 salários, professor; 2. C. T., 67 anos, 3-5 salários, aposentada; 3. Eduardo, 38 anos, 3-5 salários, arquiteto

Fonte: Dados coletados em trabalho de campo.

Diversos participantes da pesquisa de campo se utilizaram de abstração em seus desenhos para representar o centro como um ponto de convergência e espaço de concentração, o que lhe confere a noção de núcleo que, por sua vez, designa metaforicamente seu conteúdo essencial de centralidade. Em seus desenhos, a Figura 6 simboliza o centro da cidade como ponto de convergência radial de diversos setores, como comerciais e financeiros, ou seja, retrata o centro como um ponto de atração utilizado para vários usos, funções, conexão direta para diversos bairros, além de abraçar parte significativa da história da cidade.

A imagem de Flávio estampa uma espiral que remete à ideia de rotatividade e continuidade. Flechas representadas por linhas retas ou tortuosas, contínuas ou tracejadas mostram na imagem de C.T., na posição central, que as diferenças nesses traçados são alusivas à diversidade de cores, cheiros, sons, ritmos, texturas, pessoas, formas, tempos, usos, velocidades e muitas outras, que predominam no centro da

cidade. Eduardo estampa retângulos sucessivamente inscritos e inúmeras flechas, algumas convergindo para o centro dos retângulos, outras divergindo, enquanto diversas delas apresentam duplo sentido, que transmitem uma sensação de sequencialidade e continuidade, de algo que vai e volta para um ponto central com muita fluidez, o que destaca o centro como ponto de atração.

Os três desenhos vêm ao encontro do que afirmam Vargas e Castilho (2006, p.2): que o centro se caracteriza “como o ponto onde convergem os trajetos ou as ações particulares que facilitam o encontro, o descanso e o abastecimento”.

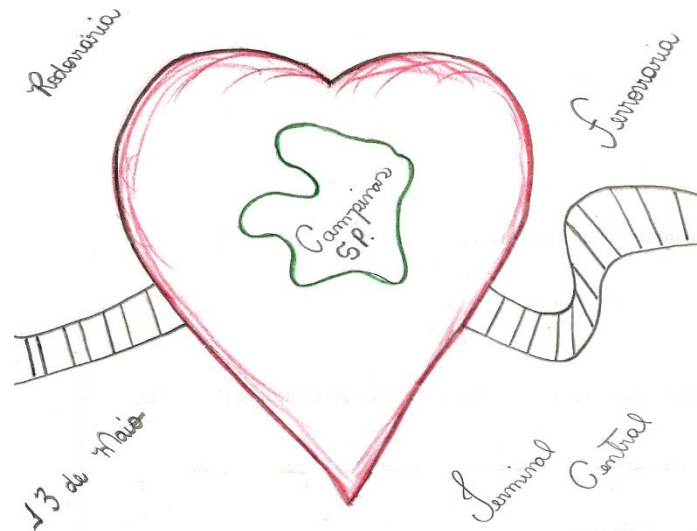


Figura 7 - Imagem que representa o centro como o coração da cidade. Vinícius, 13 anos, 3-5 salários, estudante

Fonte: Dados coletados em trabalho de campo.

O coração da Figura 7, contornado por linhas vermelhas, tem escrito, em seu centro, “Campinas/SP”. Fora dele, as palavras Rodoviária, 13 de Maio, Terminal Central e Ferroviária evidenciam referenciais históricos, culturais e urbanos significativos do centro da cidade. O coração traduz a ideia de algo que pulsa forte e que simboliza a vida. Por meio dessa analogia, percebe-se que o centro como coração da cidade simboliza a sua própria essência. Particularmente:

O Centro da nossa cidade é o coração de Campinas. Não só no sentido geográfico óbvio, mas no que esse pedaço de chão representa na vida de cada campinense. É lá que tudo acontece e onde respiramos o cheiro verdadeiro da metrópole, da mescla social de seus trabalhadores honrosos e de sua história carregada de personagens inesquecíveis. Por isso aqui ele é tratado com “C” maiúsculo (BASTOS, 2008).

Nivaldo Dóro, ex-presidente do Conselho Municipal de Desenvolvimento Urbano, manifestou, na abertura do encontro "Reurbanização e Requalificação da Área Central de Campinas", em novembro de 2008, a visão oficial da Prefeitura: "centro é o coração da cidade" (MONTEIRO, 2008).

Vale ressaltar que o termo "coração da cidade" já havia sido utilizado por um grupo de arquitetos, que, em 1951, organizou o VIII CIAM, com o intuito de debater a recentralização da cidade dispersa pelo processo de crescimento e suburbanização. Também foi discutida a necessidade de restituir o espaço público nos centros urbanos, mediante a reestruturação do "coração da cidade", que constituiria o centro vital da cidade, local onde seria possível desenvolver-se o "sentido de comunidade" (MONTANER, 2001). O Congresso destaca que cada cidade deveria possuir seu coração ou centro cívico moderno, onde a comunidade urbana pudesse desenvolver atividades e intercâmbios culturais e comerciais (MONTANER, 2001).

As propostas apresentadas pelo VIII CIAM tiveram dificuldades para ser implantadas nos centros das "cidades reais", pois foram consideradas visões idealizadas que buscavam recriar o centro como um lugar público. No entanto, apesar dessas dificuldades, é possível considerar que a concepção que envolve o coração da cidade foi precursora das visões recentes de retorno aos centros e de revitalização de áreas centrais degradadas.

Os centros urbanos sempre ocuparam uma posição de destaque nas cidades, seja geográfica ou simbolicamente. Desde o processo de formação das cidades, a região central sempre teve uma localização e uma infraestrutura otimizada dentro da rede interurbana. Mesmo com as alterações funcionais a que seu espaço foi submetido pelas mudanças nos modos de produção, ele sempre é visto como o "coração da cidade". Por causa dessa visibilidade, os centros têm sido alvo de inúmeros projetos urbanos e investimentos que visam a transformar tanto sua estrutura sócio espacial quanto sua imagem para adequá-la a dinâmica vigente de cada período.

Na atualidade, os centros possuem grande visibilidade porque se constituem como importantes representantes da história dos municípios, na medida em que apresentam edificações pretéritas decorrentes do seu processo de evolução, "rugosidades"(SANTOS, 2002) ainda presentes no espaço, além de serem um referencial do lugar de formação das cidades. Ademais, também são vistos pelos agentes produtores do espaço como um local de fartas oportunidades para a geração de lucro e novas oportunidades de consumo.

Verifica-se que os inquiridos dessa pesquisa, sobretudo os dos desenhos mencionados acima, reproduziram essa ideia do centro vital da cidade, o core que estrutura a cidade. Esperam do poder público iniciativa para recuperar e potencializar o potencial simbólico do centro como o “coração da cidade” e elemento definidor essencial da identidade da cidade e dos cidadãos com Campinas.

Na Figura 8, a estilista Elga simboliza o centro por uma circunferência em torno da qual dois anéis se distinguem: o primeiro somente com pessoas e o segundo apenas com veículos. Essa composição remete à ideia de fluxo a que se agrega uma diversidade de sons e ruídos, que emanam: “blá, blá, blá, blá” das conversas, “kkkkk” das risadas, “algh” das reclamações, “fonfon” das buzinas e “vrun, vrun” dos motores dos carros. É como se essa variedade de sons nos transportasse para dentro do próprio centro. O desenho também indica o centro da cidade como ponto de convergência de fluxos e funções, que culmina nessa mistura de sons e movimento, às vezes prejudicial, pois gera congestionamentos, poluição sonora. Acredita-se que Elga sonha com uma melhoria do trânsito no centro da cidade, com o aumento da velocidade e da fluidez, identificação de setores, tendências e pontos de estrangulamento e, quem sabe, com uma revisão da geometria das vias - traçado, largura, curvatura, etc.

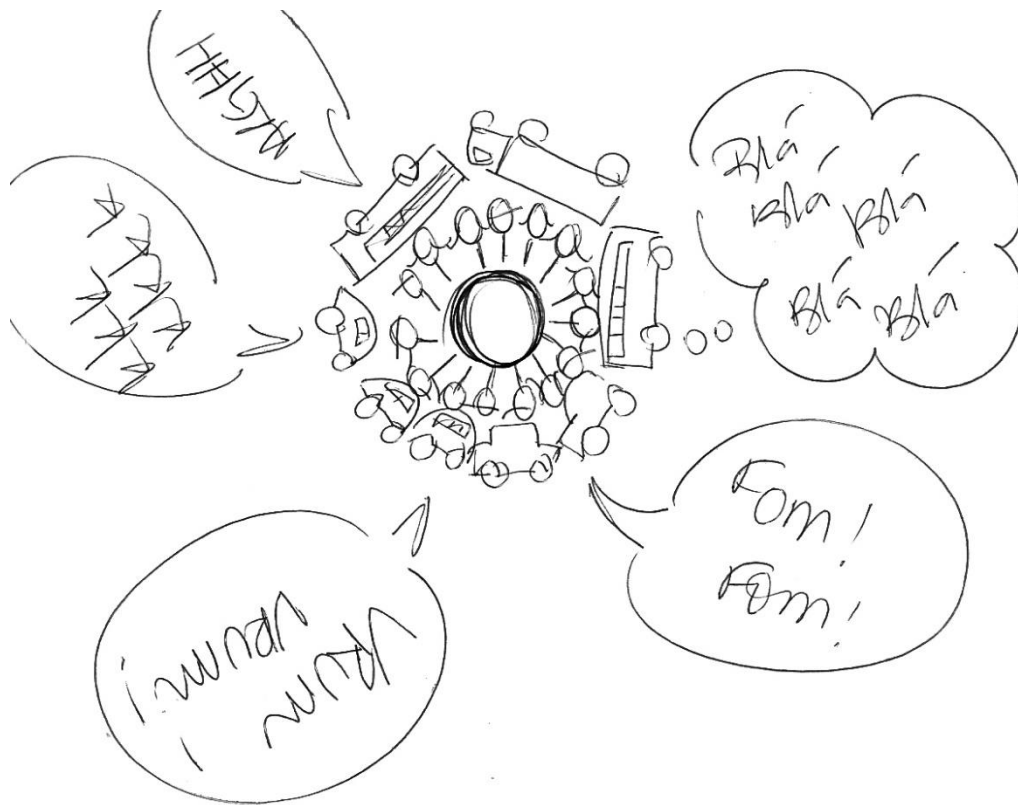


Figura 8 - O centro visto por uma estilista com um local de muito congestionamento e grande poluição sonora. Elga, 28 anos, 5-10 salários, estilista de moda.

Fonte: Dados coletados em trabalho de campo.

A imagem de Anderson, Figura 9, também faz alusão ao centro como ponto de convergência de várias funções, como: casa, a função morar, ou sob outro aspecto, o consumo humano; livro, o estudar, relacionado a cultura e ao lazer; alimentos, representando a necessidade do sustento e a chave de fenda, o trabalhar. Todos esses desenhos (chave de fenda, roupas, alimentos e livro) se ligam ao desenho da casa por meio de duas flechas, com sentidos contrários, simbolizando a fluidez contínua dessas funções no cotidiano da população. Talvez uma crítica no sentido de que muitas pessoas que moram e trabalham no centro não são beneficiadas pelo acesso à infraestrutura, comércio e serviços, equipamentos e transporte públicos.

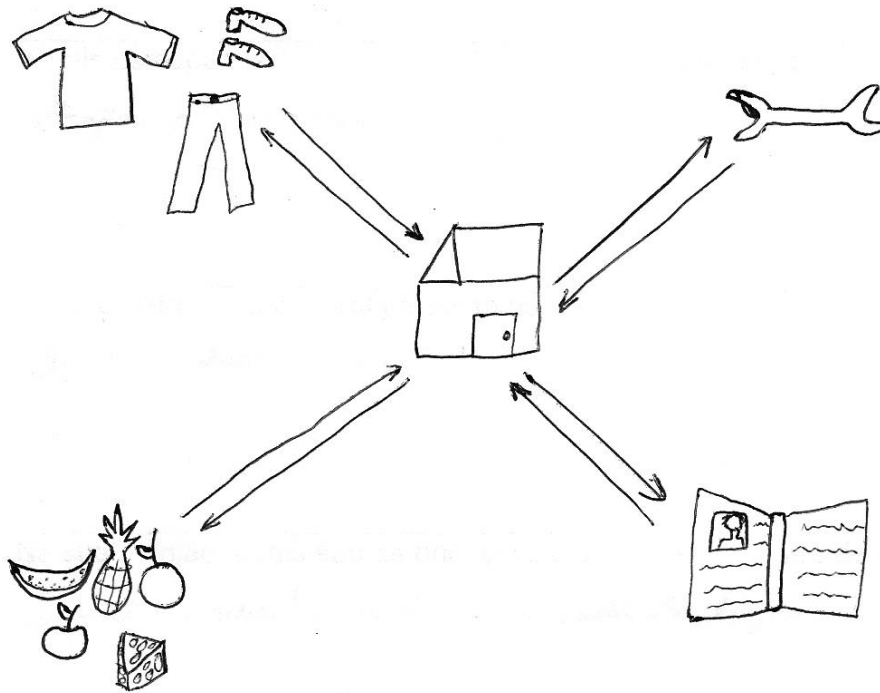


Figura 9 - Visão do centro por um engenheiro: trabalhar, consumir, estudar, morar, lazer e cultura. Centralidade e diversidade. Anderson, 27 anos, 5-10 salários, engenheiro elétrico.  
Fonte: Dados coletados em trabalho de campo.

A Rua Treze de Maio, conhecida como "o calçadão", se mostrou referida pelos entrevistados, assim como é tratada pela população residente em bairros mais afastados, como o centro de Campinas. É muito comum alguém usar a expressão "vou ao centro", para referir-se ao deslocamento a essa rua. Essa grande centralidade que a rua representa se caracteriza pelo uso intensivo do solo e pela presença dos inúmeros estabelecimentos que são encontrados em seu entorno, gerando muitos empregos, como é o exemplo dos bancos, consultórios médicos e odontológicos, grande parte dos estabelecimentos comerciais e os serviços públicos, além da existência de um inerente fluxo de pessoas e de veículos que acontece de forma intensiva durante o dia, além das atividades informais, como os vendedores ambulantes e os camelôs, que, assim reunidos, caracterizam o centro urbano da cidade. Segundo a ACIC, somente na Treze de Maio, trabalham em torno de 6,5 mil pessoas.

Suas adjacências servem também como corredor de tráfego dos ônibus interurbanos que trazem e devolvem um grande número de passageiros, aos inúmeros bairros da cidade. Afora isso, a Rua Treze é vista pela população não só como um local de compras, mas ainda como um local de diversos atrativos,

configurando a dubiedade do espaço como um espaço de consumo e, ao mesmo tempo, proporcionando um consumo do lugar.

### 3.3 Lugares de Memória

“Lugares de memória” é uma expressão criada pelo historiador francês Pierre Nora para designar lugares em todos os sentidos da palavra, do objeto material e concreto ao mais abstrato, simbólico e funcional, que apresentam resquícios rememorados e transformados pela história de uma sociedade.

O lugar de memória acontece quando o simples registro acaba. Ele é o registro e tudo que o excede, é o significado simbólico inscrito no próprio registro. Esses territórios são os lugares onde a lembrança se estabeleceu e afiguram-se como uma nova maneira, não natural, de apresar a memória, visto que não vivemos mais o que eles significam e que a história, como fonte, deles se apodera. São, pois, paragens materiais e imateriais onde se solidificam a memória de uma coletividade, de um país, lugares em que grupos ou povos se identificam ou se perfilham, o que permite o aparecimento de um sentimento de identidade e de concernimento.

As cidades são formadas de espaços que, constituídos de significados, as tornam uma região qualificada e as levam a integrar esta comunidade simbólica de sentidos, denominada imaginário. São, acima de tudo, territórios dotados de carga simbólica que os diferencia e identifica. Podem tratar-se de um monumento, um museu, um personagem, um arquivo, ou ainda, de um símbolo, de um evento ou de uma instituição. Porém, nem tudo se caracteriza como lugar de memória.

Para isso, esses territórios devem possuir uma “vontade de memória” e demonstrar na sua origem um propósito memorialista que garanta sua identidade, o que os constitui é um jogo da memória e da história, uma interação dos dois fatores que leva a sua sobredeterminação recíproca. Sem essa vontade, os lugares de memória são lugares de história. Lembrando que memória e história não são sinônimas e que as mesmas se opõem em tudo, sendo que:

A memória é a vida, sempre alcançada pelos grupos vivos (...), ela está em evolução permanente (...), inconsciente das suas deformações sucessivas (...). A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta daquilo que não é mais (...). A memória é um absoluto e a história não conhece outra coisa que não o relativo (NORA, 1993, p. 9).

Os lugares de memória de uma cidade se configuram também como lugares de história. História e memória são, ao mesmo tempo, narrativas do passado que

URBANA, V.6, nº 9, ago-dez, 2014 - Dossiê: Dimensões Simbólicas das Intervenções Urbanas - CIEC/UNICAMP

reconfiguram episódios ocorridos, não sujeito a repetições. Todas as cidades são, portanto, possuidoras de história e memória e, igualmente, da comunidade de sentido a qual se intitula identidade. Enfim, a memória é aquilo vivido e sua reconstrução intelectual é a história.

Nessa direção, cognominar a Rua Treze de Maio como um “lugar de memória” é inteiramente condizente, visto ela ter adquirido um lugar de destaque na formação do centro e da própria cidade de Campinas e suas transformações ao longo da história. Ela é um lugar onde as pessoas se identificam, se lembram e sentem-se saudosos das experiências que nela viveram. Por conseguinte, o que deve ser lembrado constitui tanto memórias conhecidas – como a dos bens tombados ou das intervenções por ela sofrida quanto desconhecidas – quanto infinitas histórias anônimas de usuários que por ali transitaram. Mesmo que tais espaços tenham sofrido transformações radicais e degradação, deixaram marcas e lembranças, que funcionam como padrões de referência de identidade para a cidade.

Recordando o processo de ocupação da cidade, cabe dizer que, no final do século XIX, a Treze de Maio já era o ponto central do comércio, com os armazéns de secos e molhados, os pontos de vendas dos produtos de alimentação, vestuários e calçados. Também foi passagem de carros puxados por animais, que circulavam lateralmente ao Teatro São Carlos, demolido em 1922. Ali também trafegaram os primeiros bondes de Campinas, puxados por muares. Esses veículos foram substituídos por outros elétricos, que circularam pela cidade entre os anos de 1912 a 1968.

A chegada da estrada de ferro em 1875, acarretou inúmeras transformações na vida urbana de Campinas, inclusive no seu traçado. A construção da Estação da Companhia de Estradas de Ferro provocou o prolongamento de diversas ruas até o local, dentre elas a Treze de Maio, porque nesse período a cidade não chegava até a ferrovia (BADARÓ, 1996; LAPA, 1996). Destas ruas, a Treze de Maio e a Costa Aguiar foram escolhidas para concentrar o fluxo de cargas e passageiros, tornando-se um grande eixo de ligação entre o centro e a Estação. Conforme Lapa (1996), a Câmara, em 19 de maio de 1873, propôs o Código de Posturas para disciplinar o trânsito:

Art. 1º – Todas as séges [sic], carros omnibus [sic], gôndolas, carroças e outros veículos de condução que tiveram de subir com direção à Estação de Estrada de Ferro da Companhia Paulista, demandarão a rua de São José



[atual Rua Treze de Maio]<sup>2</sup>, a partir do Largo da Matriz Nova, bem como descerão pela Rua da Constituição [atual Rua Costa Aguiar], até o mesmo largo (LAPA, 1996, p. 25).

Dessa maneira, a Rua Treze de Maio tornou-se um vetor de comunicação entre o local e o global, ou seja, entre Campinas e o mundo, na medida em que, nesse momento, ela era entendida como a entrada da cidade pela via férrea. Por ser um grande eixo de circulação de pessoas e mercadorias, principalmente de novidades vindas da Europa, desde esse período, a Rua Treze de Maio desenvolveu também a função comercial juntamente com a função habitacional.

Em 1938, com a aprovação do Plano de Melhoramentos Urbanos de Campinas de Prestes Maia, a Rua Treze de Maio adquire outra dimensão. Ela deixa de ser o eixo de circulação de veículos, mas não perde a sua função comercial e habitacional. No Plano, Prestes Maia sugeriu a construção de duas avenidas ortogonais entre si, que cruzassem o reticulado regular da área central tanto no sentido norte-sul quanto no sentido leste-oeste. No sentido norte-sul da cidade, a alternativa escolhida foi a de alargamento da rua Francisco Glicério entre as ruas Luzitana e José Paulino. Na direção leste-oeste, fazendo a ligação centro-estação, para cruzar a rua Francisco Glicério, foram feitas várias propostas de alargamento entre as ruas Ferreira Penteado e General Osório. Entretanto, Prestes Maia ressaltou apenas três delas para a comissão de urbanismo.

A primeira proposta, considerada a mais ousada, sugeriu derrubar os quarteirões entre as ruas Treze de Maio e Costa Aguiar. Essa proposta possuía um custo elevado, no entanto, o grande problema era como construir essa avenida na proximidade da Catedral e do Teatro São Carlos sem derrubá-los. A segunda proposta, a mais tímida e barata, optava pelo alargamento da rua Costa Aguiar, uma rua menos valorizada, mas que apresentava o mesmo inconveniente dos prédios da Catedral e do Teatro presentes na proposta anterior. A terceira, uma alternativa intermediária, propôs a escolha do alargamento da rua Campos Salles. Contudo, a maior dificuldade dessa sugestão era como fazer a ligação direta com a Estação, sem a necessidade de dar a volta pela rua Andrade Neves.

Das três propostas apresentadas, foi escolhida a terceira, que sugeria o alargamento da rua Campos Salles. Com a ampliação dessa rua, ela transformou-se

---

<sup>2</sup> A Rua Treze de Maio, antiga Rua São José, adquiriu esse nome na Câmara Municipal, no dia 14 de maio de 1888, o dia seguinte da extinção da escravatura, visando a homenagear esse relevante fato histórico e aclamar em todo o município de Campinas a proclamação da liberdade.

no novo elo entre a Praça da Estação e o centro principal, onde se articulava com uma avenida transversal no centro, tornando a Rua Treze de Maio uma simples via coletora. Prestes Maia, no Relatório dos trabalhos realizados pela Prefeitura Municipal de Campinas durante o exercício de 1935, destacou que:

A solução pela rua Campos Salles parece levar alguma vantagem às outras. Acha-se bem na faixa central sem coincidir entretanto com as ruas mais valorizadas (ruas Treze e General Osório). Afecta [sic] prédios em geral insignificantes, conduz directamente [sic] ao coração da cidade (BADARÓ, 1996, p. 69).

Prestes Maia faz uma menção a prédios insignificantes porque estava fazendo uma comparação com as ruas Treze de Maio e Costa Aguiar, onde se situavam o Teatro e a Catedral.

Pelo Plano de Melhoramentos, a avenida Campos Salles (a avenida estação-centro) teria uma largura entre 19 e 22 metros para comportar de duas a três faixas de rolamento, amplos passeios e faixas de estacionamento em ambos os lados. A Avenida Francisco Glicério (a avenida transversal) teria entre 24 e 26,20 metros para conter três ou quatro faixas de rolamento, além dos estacionamentos e dos passeios.

Prestes Maia, ao discorrer sobre a questão da circulação viária na cidade de Campinas, afirmou que ela não era um problema efetivo porque a baixa densidade de veículos não ocasionava problemas de congestionamento ou da falta de estacionamento na época.

A Rua Treze de Maio, a principal rua de comércio, registrava raramente um movimento de três veículos por minuto e podia-se ir do centro a qualquer parte, de automóvel, em cerca de três minutos, não se verificando verdadeiro congestionamento sequer nas passagens em nível das estradas de ferro onde, às vezes, ficava-se retido por algum tempo (BADARÓ, 1996, p. 66).

Nos anos 50, abrigou tradicionais estabelecimentos comerciais, como: Casa Lunardi, Timoteo Barreiro, Loja Nova América, Casa das Ferragens, Casa Paratodos, Lojas Americanas, Cecato (rei dos alumínio), Centro dos Alumínios Bittar e outros, algumas delas lembradas pelos inquiridos de forma saudosa.

Em 1975, a Treze de Maio sofreu uma grande intervenção, com a criação do calçadão. A área ganhou bancos, floreiras e uma nova iluminação. Com essa

alteração, deixou de ser um eixo de circulação de veículos e tornou-se um grande espaço de convívio.

A Rua teve seu momento de apogeu na década de 1980, mas encarou a concorrência com os grandes shoppings e, hoje, convive em harmonia com eles, cada qual competindo nas suas especialidades e consolidando sua classe de clientes. Entretanto, se efetivou definitivamente com um eixo de consumo de mercadorias, abrigando o comércio e serviços populares.

Desde o início da sua administração, o ex-prefeito Hélio de Oliveira Santos assumiu o compromisso de retomar a obra de revitalização da Rua Treze com o objetivo de acabar com um projeto previsto desde a gestão Antônio da Costa Santos. Com a sua morte, Izalene Tiene retomou a proposta e a inseriu no Projeto Centro.

As obras de remodelação da Rua 13 de Maio no centro de Campinas, começaram na gestão da ex-prefeita Izalene Tiene (PT) e foram finalizadas no mandato de Hélio de Oliveira Santos (PDT), após ficarem paralisadas durante sete meses.

Do século XIX até os dias atuais, alternaram-se períodos de valorização e desvalorização da Rua Treze de Maio. Em suma, essa área assumiu valores sócio espaciais distintos, passando de lugar de moradia a um lugar de consumo.

Após sua expansão até a ferrovia, adquiriu uma extensão de 800 metros: da Praça Floriano Peixoto até a Avenida Francisco Glicério e o Largo da Catedral. Vale ressaltar que as duas extremidades da Rua Treze Maio são na atualidade bens tombados pelo Condepacc (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico e Artístico de Campinas): a Praça Floriano Peixoto e o antigo hotel Roque de Marco de um lado e a Catedral Metropolitana de Campinas do outro.

Muito além do comércio, a Treze acolheu e acolhe verdadeiros marcos da cidade, tais como o antigo Teatro São Carlos e a Paróquia Nossa Senhora da Conceição, mais conhecida como Catedral Metropolitana de Campinas, inaugurada em 1883. O Teatro foi inaugurado em 1930, com capacidade para 1.300 lugares. Foi demolido em 1965, na gestão do ex-prefeito Ruy Novaes, sob alegação de problemas estruturais, o que até hoje é muito questionado. A questão é que sua demolição gerou uma lacuna na paisagem da Rua Treze de Maio. A demolição também foi lembrada por alguns entrevistados durante a pesquisa de campo.

Na pesquisa realizada, a Catedral Metropolitana de Campinas e a Rua Treze de Maio se destacaram como importantes referenciais simbólicos que, na maioria das vezes, traduzem a própria noção de centro ou de sua delimitação.

Um dado que chamou a atenção foi o fato de a área situada ao redor da Estação da Fepasa praticamente não aparecer no referencial de centro. Essa área é muito pouco citada e aparece somente como referência de problemas urbanos, sobretudo a violência e a prostituição. Apesar do riquíssimo patrimônio edificado remanescente e presente nessa região, ele não é mencionado. Tem-se a sensação de que a mesma caiu no esquecimento. Provavelmente devido à falta de conservação dos imóveis, da pauperização do local, da prostituição, do tráfico de drogas e da violência que a leva ser reconhecida como a "Boca do Lixo".

No entanto, o que deve ser lembrado não constitui somente memórias conhecidas – como a dos bens tombados ou das intervenções por ela sofrida, frutos de intervenções do governo. Ela envolve também histórias desconhecidas – infinitas histórias anônimas de usuários que por ali passaram. Citam-se algumas lembranças dos inquiridos mencionadas nos questionários:

Gostava de tomar sorvete na Muricy, fazer compras na Sears, antiga Lojas Americanas, ir no Cine Windsor e Jequitibá (Valéria, 44 anos, mais de 10 salários, bióloga);

Sinto falta dos chafarizes da Treze de Maio em frente as Lojas Americanas e a Igreja Matriz (Flávio, 30 anos, 3-5 salários, estilista);

Tenho saudade dos ombrelones feitos de fibras de vidro que vendiam sorvetes em frente da Lojas Americanas (Cláudio, 32 anos, 5-10 salários, professor);

A Treze de Maio perdeu a tranquilidade para caminhar, sem ter que se preocupar com assaltos (Cassiana, 26 anos, 1-3 salários, recepcionista);

Me lembro de quando íamos a Treze de Maio a noite passear, olhar vitrines, paquerar... A Treze era uma rua linda, de lojas chiques - como os shoppings são para nós hoje (Antônio, 70 anos, mais de 10 salários, médico);

Me lembro da loja Sears, da praça que existia atrás da Catedral, que possui uma circulação melhor. A rua era mais limpa, a iluminação era muito melhor, a Treze era mais bacana (Paulo, 38 anos, 5-10 salários, designer).

Os lugares de memória se fazem presente no espírito e vêm à tona a partir de discursos e imagens. Nesta pesquisa, identificaram-se esses lugares por meio da pesquisa de campo, ao longo da tabulação das respostas dos questionários e na análise dos desenhos.

#### **4. Considerações Finais**

A centralidade obtida pela Treze de Maio somente vem enfatizar a sua significância dentro do contexto urbano da cidade de Campinas/SP: ela é um remanescente histórico de grande valor, que acumula vestígios de diferentes épocas, testemunhando tanto fases de seu desenvolvimento quanto da cidade de Campinas, além de ser um dos referenciais do consumo popular

Verificou-se, ainda, que a Rua Treze de Maio configura-se como um dos ícones da história, da memória e da identidade do centro e da própria cidade de Campinas, seja pela história oficial da cidade, pela própria história da Rua ou pelos milhares de pessoas que por ali vivenciaram experiências únicas ao longo de seu percurso. Enfim, as memórias, as vivências, a diversidade e a vitalidade identificada ao longo de sua extensão, transformam a Treze de Maio em um lugar único na cidade. Desde a chegada da ferrovia, em 1872, a Rua Treze de Maio caracteriza-se como um importante eixo articulador da área central e um vetor de comunicação da cidade. No passado, era o eixo que ligava o centro à Estação, concentrando o fluxo de passageiros e cargas. Na atualidade, é um eixo comercial de grande destaque, abrigando o calçadão, reunindo um alto fluxo de pessoas, mercadorias e informações.

Sua importância é inquestionável, quando se verifica que todos os grandes projetos urbanos para o centro da cidade a contemplaram com grandes intervenções. A rua Treze de Maio também foi objeto de projetos importantes de preservação do patrimônio cultural, na gestão Toninho (com o Plano de Requalificação Urbana da Área Central de Campinas) e na Izalene Tiene (com o Projeto Centro), enfatizando a relevância do papel do patrimônio cultural na prática do planejamento urbano.

Os resultados da pesquisa apontam que apesar de algumas áreas do centro terem sofrido um esvaziamento, a Treze apresenta uma vitalidade continuada e permanece como um dos locais mais movimentados da área central. A popularização do centro e seu elenco de atividades formais e informais contribuem para aquecer essa vitalidade e sua diversidade, apesar entrarem em choque com a centralidade dominante e tornarem-se um ponto polêmico no processo de degradação da área central.

Apesar dos diversos shoppings centers periféricos ao centro e dos inúmeros comércios de bairro que Campinas possui, fica evidente que a área central e sobretudo a Rua Treze de Maio não perderam sua vitalidade e é utilizada pela classe de menor poder aquisitivo como um lugar de consumo, na busca da realização dos prazeres. A diversidade e variedade de produtos, as liquidações, as lojas de preços reduzidos, os camelôs, tudo incita experiências emocionais e bem-estar que geram

satisfação, prazer e felicidade momentânea no ato de consumir. No entanto, é uma “felicidade paradoxal” como destaca Lipovetsky (2007), pois os consumidores buscam satisfazer suas aspirações no mercado, porém nem sempre conseguem.

Enfim, ressalta-se essencial recuperar a reflexão lefebvriana acerca da produção do espaço (LEFEBVRE, 1974), que ressalta a importância de se entender não apenas como os lugares adquirem qualidades materiais e são concebidos pela imposição das normas e da regulação do Estado para organizar, controlar e planejar o espaço. Mas também como adquirem valor simbólico e são representados por moradores e usuários, evidenciando a vida cotidiana e suas relações imediatas. Concordando com Harvey (1989, p. 22), “as possibilidades político-econômicas da reconstrução de lugares estão coloridas pela maneira (...) da representação dos mesmos”. Assim, constituem ferramenta essencial para o agenciamento de ideias que presidem as ações de planejamento urbano e podem se fortalecer horizontalmente, a partir de ações localmente construídas.

## 5. Referências

ARANTES, Antônio Augusto (2000). **Paisagens paulistanas**: transformações do espaço público. Campinas: Ed. Unicamp, São Paulo: Imprensa Office. (Coleção Espaço e Poder).

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE CAMPINAS – ACIC. <http://www.acic.bz/>.

BADARÓ, Ricardo de Souza (1996). **Campinas**: o despontar da modernidade. Campinas: Centro de Memória/UNICAMP. (Coleção Campiniana, n. 7).

BASTOS, Wagner (15 dez. 2008). O centro pulsa forte. **Correio Popular**, Campinas. Opinião.

CARLOS, Ana Fani A. O Consumo do Espaço (2002). In: CARLOS, Ana Fani A. (org), **Novos Caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto.

CARPINTEIRO, Antônio Carlos Cabral (1996). **Momento de ruptura**: as transformações no centro de Campinas na década de cinquenta. Campinas: Centro de Memória/UNICAMP. (Coleção Campiniana, n. 8).

CORRÊA, Roberto Lobato (1993). **O Espaço urbano**. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática.

FERRARA, Lucrecia D’Alessio (2000). *Os significados urbanos*. São Paulo: EdUSP/FAPESP. (Acadêmica, 31).

GOMES, Paulo Cesar da Costa (2011). Espaços públicos: a cidade em cena (I). A fabricação do filme. O relato de uma aventura. **Espaço Aberto**, PPGG, UFRJ, v. 1, n. 2, p. 9-22.

GUGLIELMINETTI, Rose (09 set. 2007). 13 de Maio, caótica e democrática: na babel urbana que é a principal artéria do comércio de Campinas, o formigueiro humano reúne gente de todo tipo. **Correio Popular**, Campinas, Cidades.

HARVEY, David (1989). **Condição Pós-Moderna**. *Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 7.ed. São Paulo: Loyola.

JEUDY, Henri-Pierre (2005). **Espelhos das cidades**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra.

KOZEL, Salette (2005). Resignificando as representações do espaço: as linguagens do cotidiano. In: Encontro de Geógrafos da América Latina, X, 2005, São Paulo. **Anais...** São Paulo, p. 7283-7296. CD.

LAPA, José Roberto do Amaral (1996). **A cidade: os cantos e os antros**. Campinas 1850-1900. São Paulo: Edusp.

LEFEBVRE, Henri (1974). **La production de l'espace**. 15. ed. Paris: Anthropos.

\_\_\_\_\_ (1976). **Espacio e política: el derecho a la ciudad II**. Barcelona: Península.

\_\_\_\_\_ (1991). **O direito à cidade**. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Moraes.

\_\_\_\_\_ (2004). **A revolução urbana**. Trad. Sérgio Martins. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

LEITE, Rogério Proença (2004). **Contra-usos da cidade: lugares e espaços público na experiência urbana contemporânea**. Campinas: EdUNICAMP/ Aracaju:EdUFS.

LIPOVETSKY, Gilles (2007). **A felicidade paradoxal**. Ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras.

MAGNANI, José Guilherme Cantor (jun. 2002). De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 17, n. 49.

MONTANER, Josep M (2001). **Depois do movimento moderno: arquitetura da segunda metade do século XX**. Barcelona: Gustavo Gili.

MONTEIRO, Mônica (07 nov. 2008). Área central: reurbanização e requalificação dependerá de ações conjuntas. **Prefeitura Municipal de Campinas**, Campinas. Notícias.

NIEMEYER, Ana Maria de (1994). **Desenhos e mapas na orientação espacial: pesquisa e ensino de antropologia**. Textos Didáticos (Campinas), n.12.

NORA, Pierre (dez.1993). Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, São Paulo: PUC-SP, n.10, p.07-28.

SANTOS, Antônio da Costa (2002). **Campinas, das Origens ao Futuro: compra e venda de terra e água e um tombamento na primeira sesmaria da Freguesia de Nossa**

*Senhora da Conceição das Campinas do Mato Grosso de Jundiá (1732-1992)*. Campinas: UNICAMP.

SANTOS, Milton (2002). **A natureza do espaço**: técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: EdUSP. (Coleção Milton Santos, 1).

SOLÀ-MORALES, Manuel de. Espaços públicos e espaços coletivos. In: ASSOCIAÇÃO VIVA O CENTRO (2005). **Os Centros das Metrôpoles**: Reflexões e propostas para a cidade democrática do século XXI. São Paulo: Imprensa Oficial/Terceiro Nome/Viva o Centro.

SOUZA, Marcelo Lopes de (2003). **ABC do desenvolvimento urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão (1996). **Multi(poli)centralidade**. Presidente Prudente: FCT/UNESP.

TOURINHO, Andréa de Oliveira (2006). Centro e centralidade: uma questão recente. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino (Orgs.). **Geografias das metrôpoles**. São Paulo: Contexto.

VALDERRAMA, Berna Bruit (2002). **Instâncias e Tamanhos do Espaço**: Estudo de projeto do centro de Campinas, proposta e crítica. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

VARGAS, Heliana Comin; CASTILHO, Ana Luisa Howard (2006). **Intervenções em centros urbanos**: objetivos, estratégias e resultados. Barueri: Manole.